

Isadora de Freitas Pimenta

Relações Conjugais e Luto: uma análise da obra literária *A máquina de fazer espanhóis* de Valter Hugo Mãe, na perspectiva da Psicologia do Envelhecimento

Uberlândia

2026

Isadora de Freitas Pimenta

Relações Conjugais e Luto: uma análise da obra literária *A máquina de fazer espanhóis* de Valter Hugo Mãe, na perspectiva da Psicologia do Envelhecimento

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Instituto de Psicologia da Universidade Federal
de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção
do Título de Bacharel em Psicologia.
Orientadora: Prof^ª. Dra. Denise Stefanoni
Combinato.

Uberlândia

2026

Isadora de Freitas Pimenta

**Relações Conjugais e Luto: uma análise da obra literária *A máquina de fazer espanhóis*
de Valter Hugo Mãe, na perspectiva da Psicologia do Envelhecimento**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade
Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do Título de Bacharel em
Psicologia.

Banca examinadora

Uberlândia, 23 de julho de 2026

Profª. Dra. Denise Stefanoni Combinato (Orientadora)

Universidade Federal de Uberlândia – Uberlândia, MG

Profª. Dra. Yara Magalhães dos Santos (Examinadora)

Universidade Federal de Uberlândia- Uberlândia, MG

Prof. Dra. Paula Vilhena Carnevale Vianna (Examinadora)

Universidade Anhembí Morumbi, São José dos Campos, SP

Uberlândia

2026

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus pela vida e pela oportunidade de realizar o meu sonho de fazer Psicologia. Sou grata porque ao longo dessa jornada Ele me trouxe direção, sustento, acalento e, em todos os dias, pude experimentar a Sua bondade e misericórdia.

Agradeço aos meus pais, Laura e Fernando, que são a minha base e a minha grande referência de cuidado e amor. Sem a dedicação e o apoio deles nada seria possível. Obrigada por serem quem são e por sempre acreditarem em mim. Honro e respeito a história de cada um de vocês.

Agradeço a minha irmã, ao meu namorado, aos meus amigos e familiares que me acompanharam nessa trajetória, os quais foram meu conforto e segurança. Obrigada por torcerem por mim e se alegrarem com as minhas conquistas.

Sou grata a Universidade Federal de Uberlândia por ter sido minha segunda casa durante esses cinco anos, mas principalmente, por ter sido nesse lugar que cultivei amizades preciosas, as quais foram essenciais nessa jornada e me permitiram ir mais longe.

Agradeço à minha orientadora, Profa. Denise, por quem eu tenho grande apreço e admiração. Obrigada por ter sido meu suporte na construção desse trabalho e por me ensinar sobre Psicologia de uma forma tão sensível e cuidadosa.

Por fim, agradeço especialmente ao meu avô José Adamar, a quem dedico esse trabalho com muito carinho, saudade e amor. Um grande homem à frente do seu tempo que, em vida, me ensinou o valor do estudo e da honestidade. A sua partida ampliou ainda mais o meu desejo de estudar sobre a Psicologia do Envelhecimento. Agradeço a honra de ter sido sua neta e de carregar os seus ensinamentos em meu coração.

Resumo: O presente trabalho consiste na análise da obra literária *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe (2016), sob a perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, visando aprofundar reflexões sobre a morte e o processo de luto conjugal na velhice, a partir da história do personagem António Silva, o qual perde a sua esposa Laura. A pesquisa qualitativa foi fundamentada nos estudos de Vygotsky (1999) sobre *Psicologia e Arte*, sobretudo, a relação entre forma e conteúdo, além das contribuições do crítico literário Antonio Candido, evidenciando o papel da arte e da literatura como bens indispensáveis para o ser humano e como produto cultural, uma vez que transforma a materialidade da vida em algo totalmente novo. A análise da obra literária articulada as *Tarefas do Luto* propostas por Worden (1988) evidenciaram os impactos da morte do parceiro conjugal na vida do idoso, os desafios diante do processo de luto e os caminhos possíveis para a elaboração da perda.

Palavras-Chave: Psicologia histórico-cultural, Velhice, Relações conjugais, Morte, Luto.

Abstract: This study analyzes the literary work *The Machine for Making Spaniards* by Valter Hugo Mãe (2016) through the lens of Historical-Cultural Psychology. It aims to deepen reflections on death and the process of spousal bereavement in old age, focusing on the story of the character António Silva, who loses his wife, Laura. This qualitative research is grounded in Vygotsky's (1999) studies on Psychology and Art, specifically the relationship between form and content, as well as the contributions of literary critic Antônio Candido. It highlights the role of art and literature as indispensable human assets and cultural products, given their capacity to transform the materiality of life into something entirely new. The analysis of the work, integrated with the *Tasks of Mourning* proposed by Worden (1988), reveals the impact of a spouse's death on the elderly individual's life, the challenges inherent in the grieving process, and the potential pathways for processing the loss.

Keywords: Historical-cultural psychology, Old age, Marital relationships, Death, Grief.

1. Introdução

O envelhecimento, ao mesmo tempo que se apresenta como um processo subjetivo e particular, de modo que cada pessoa vivencia, percebe e se adapta às mudanças dessa fase de maneira distinta, é também social, uma vez que os sentidos sobre o processo de envelhecimento são construídos a partir da cultura (Vieira et al., 2024).

Sob a ótica do capitalismo, a valoração é fundamentada na ideia de produtividade. O idoso ao se aposentar perde o seu valor simbólico, diante da condição de não mais produtor de riqueza, e passa a ocupar uma posição marginalizada na existência humana (Mendes et al., 2005). A velhice ainda é estigmatizada, caracterizada socialmente como indesejável, devido às perdas físicas e/ou ao aparecimento de doenças e perda dos papéis sociais, os quais estão associados à invalidez. Diante disso, a pessoa idosa pode ser reconhecida por ser alguém impotente e incapaz (Oliveira & Lopes, 2008; Vieira et al., 2024).

Além das inúmeras transformações biológicas, psicossociais e econômicas, as pessoas idosas podem sofrer a perda de amigos, familiares e companheiros (Concentino & Viana, 2011). A morte apresenta-se não somente como uma questão biológica, mas como uma construção social, uma vez que o seu significado é influenciado pelo momento histórico e pela cultura (Fratezi et al., 2011).

Philippe Ariès (2003) em seu livro *História da Morte no Ocidente* aborda as temáticas de morte e luto e em como a percepção em relação a esses dois acontecimentos foram transformados ao longo da história e, por isso, novos sentidos foram atribuídos a essa realidade, desde o imaginário em que se criou sobre a morte e luto, bem como as formas dos ritos mortuários na contemporaneidade.

Na primeira fase da Idade Média, a morte é intitulada como “morte domada”. Nota-se uma familiaridade com a morte, a qual era esperada no leito e o quarto do “moribundo” um local de acesso livre, sendo comum a presença de familiares, amigos e crianças. Os ritos eram

aceitos, executados com simplicidade e sem exageros na expressão de emoções. Já na segunda fase, surge um estranhamento em relação à doença e ao envelhecimento, uma vez que a decomposição passa a ser considerada como sinal de fracasso (Ariès, 2003).

A partir do século XVIII, o homem ocidental traz um novo sentido à morte, sua exaltação e dramaticidade tornam-se recorrentes, ocupando-se menos da morte de si mesmo e mais da morte do outro. A função do luto nesse tempo era incentivar a família a manifestar uma dor durante um período que nunca era abolido, além do papel de defender os sobreviventes sobre os excessos da dor. Já no século XIX, há um exagero do luto, com a presença de uma dor manifesta por meio de choros, desmaios e jejuns, revelando que os sobreviventes tinham mais dificuldade de aceitar a morte do outro do que a própria morte (Ariès, 2003).

A morte que era tão presente na antiguidade é apagada e vira objeto de interdição nas sociedades atuais. Evita-se não mais o “moribundo”, mas a perturbação e as emoções insuportáveis causadas pela morte em uma realidade de vida supostamente feliz. O luto torna-se escondido, a visibilidade da dor é vista com repugnância e, por isso, o direito de chorar só é permitido quando ninguém vê e nem escuta.

A antiga atitude segundo a qual a morte é ao mesmo tempo familiar e próxima, por um lado, e atenuada e indiferente, por outro, opõe-se acentuadamente à nossa, segundo a qual a morte amedronta a ponto de não ousarmos dizer seu nome (Ariès, 2003, p. 36).

Há uma preocupação social de afastar a morte, uma vez que ela interrompe o curso normal das coisas, ameaçando a coesão (Rodrigues, 2006). A maneira com que a sociedade se relaciona com a morte também influencia como os idosos fundamentam a própria concepção sobre envelhecimento e como lidam com a proximidade da mesma (Castro-Santos et al., 2018).

Uma característica que condiciona nossa imagem da morte é o alto grau de individualização das sociedades contemporâneas [...]. Esta característica faz com que idosos sintam a solidão e a proximidade da morte de forma mais intensa. A intensidade

com que são enaltecidos certos valores, como a autonomia e a independência, produz um sentimento de perda subjetiva durante o processo de envelhecimento (p.10).

Tratar sobre o luto e viuvez na velhice é falar sobre um processo sensível e complexo, uma vez que, ao se tornar viúvo, o sujeito lida com duas dimensões dolorosas: a separação do parceiro e o confronto com a morte, isto é, a finitude da existência. A perda do parceiro conjugal ocasiona impactos diferentes para cada pessoa, contudo, de modo geral, observa-se a influência da viuvez nos aspectos psíquicos e comportamentais, principalmente nos idosos, uma vez que estão em uma condição de maior vulnerabilidade. Nesse sentido, angústia, culpa, raiva, solidão, desespero, hostilidade e a sensação de atordoamento (numbness) são reações afetivas de proteção comuns de serem vivenciadas diante da realidade da perda por viuvez (Doll, 2013).

De acordo com estudo realizado por Alves-Silva et al. (2017) com idosos que mantêm um casamento de longa duração, no casamento encontra-se a aliança e o compromisso de cuidar da vida do outro até a morte, o distanciamento da condição de solidão e o desenvolvimento de afetos como: companheirismo, amor e respeito mútuo. Para Bachand e Caron (2001), o amor, os interesses em comum, bem como o sentimento de amizade, são qualidades advindas de casamentos de longa duração (Goulart et al., 2019).

As vivências conjugais positivas podem trazer benefícios à saúde, haja vista que apresentam características como suporte emocional, incentivo entre os companheiros, cultivo do senso de responsabilidade pelo parceiro, estímulo a uma vida mais saudável e auxílio para lidar com experiências negativas. Por outro lado, experiências conjugais negativas podem ocasionar maior tensão, rebaixamento no estado de saúde e comportamentos de risco. Logo, o casamento pode ser compreendido como um mecanismo de proteção para o sujeito em cenários em que há qualidade na relação conjugal (Falcão, 2017).

A experiência do luto e da viuvez na velhice requer processos de elaboração e readaptação como meio de assimilar a perda e lidar com as novas exigências da vida cotidiana

(Doll, 2013; Silva & Ferreira-Alves, 2012). O apoio social e familiar na velhice mostra-se como sendo de grande relevância, uma vez que oferece acolhimento e segurança para os idosos diante do cenário de dor emocional pela perda de alguém e de tantos outros desafios que podem surgir. Sem a presença dessas redes relacionais (família, amigos, vizinhos, profissionais) em seu cotidiano, o idoso pode se defrontar com a solidão e os impactos psicossociais decorrentes dela em sua saúde mental, como o isolamento, casos de depressão, suicídio e ansiedade, que podem impactar negativamente a qualidade de vida da pessoa idosa (Almeida et al., 2022).

No campo profissional, Worden (1998) descreve quatro tarefas envolvidas no processo de luto para que a pessoa enlutada tenha a oportunidade de lidar com as dimensões da perda. Essas tarefas, não necessariamente em uma ordem específica, levam tempo, esforço e são reconhecidas como um período necessário para que o enlutado encontre alternativas para restabelecer o bem-estar. São elas:

- *Tarefa 1: Aceitar a realidade da perda:* é enfrentar a morte e a impossibilidade de estar novamente com a pessoa, não apenas uma aceitação intelectual, mas também emocional.
- *Tarefa 2: Para elaborar a dor da perda:* diante da dor perante a interrupção do vínculo com outrém, é importante reconhecer, vivenciar e elaborar essa dor, mesmo quando a sociedade e a cultura são dificultadores ou até mesmo inviabilizadores desse processo ao não dar lugar ao sofrimento da pessoa enlutada.
- *Tarefa 3: Ajustar-se a um ambiente onde está faltando a pessoa que faleceu:* exercer papéis que anteriormente eram realizados pelos companheiros falecidos - em um contexto de luto conjugal - apresenta-se como um grande desafio a ser enfrentado.
- *Tarefa 4: Reposicionar em termos emocionais a pessoa que faleceu e continuar a vida:* encontrar um local para o falecido na dimensão da sua vida emocional, não no viés de esquecer as lembranças de uma vivência significativa ou desistir da relação que se

constituiu, mas sim de realocar a pessoa falecida em sua vida, de modo que seja possível continuar a vida com qualidade.

Percebe-se que, com o envelhecimento, o sujeito passa a estar mais próximo da morte, tanto pela proximidade do encerramento do ciclo de vida como pela vivência de perdas de pessoas que compuseram o seu ciclo social e integraram a sua história de vida. A morte do parceiro amoroso compõe um contexto de vulnerabilidade e desafios, uma vez que representa a interrupção de um vínculo significativo e longo, além do surgimento de uma realidade em que o cônjuge não está mais presente.

A pesquisa em questão se justifica na medida em que aborda, de maneira conjunta, a questão do luto e da relação conjugal na velhice, contribuindo para reflexões e incentivo, no âmbito acadêmico, de pesquisas e intervenções na área da Psicologia do Envelhecimento. Além disso, busca-se ampliar a notoriedade para o processo de morte e luto na velhice, uma vez que são realidades pouco exploradas na cultura, como forma de dar protagonismo à pessoa idosa, reconhecimento e respeito a sua história de vida. A escolha do tema também está fundamentado no interesse pessoal da autora, a partir do convívio com idosos na família, os quais vivenciaram o processo de luto pela perda do parceiro conjugal, na velhice. Outro fator essencial foi o contato com inúmeras histórias de pessoas idosas durante o projeto de extensão em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos, em que a autora atuou como extensionista.

Assim, o objetivo desta pesquisa foi investigar a partir da obra literária *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe (2016) e, à luz da Psicologia Histórico-Cultural, como o contato com a morte diante da perda do parceiro conjugal, na velhice, pode impactar a vida da pessoa idosa e os caminhos possíveis para a elaboração da perda.

2. Método

A metodologia fundamenta-se na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural (PHC), utilizando como embasamento teórico principal as perspectivas de Vygotsky em seus escritos de *Psicologia da Arte* (1999). Utiliza-se o método analítico objetivo, o qual propõe a análise e compreensão da obra de arte, assumindo como ponto de partida a sua estrutura, em que é vista como a síntese entre forma e conteúdo.

O conteúdo também chamado de material é a realidade imediata, tudo que já existe dentro da vivência cotidiana, que o artista utilizou como embasamento para a elaboração artística e que pode existir fora e independente da obra (Barroco & Superti, 2014). Já a forma é o arranjo desse material, em um processo de transformar essa realidade imediata em algo totalmente novo, indicando, uma relação de oposição entre esses componentes.

Vygotsky (1999) aponta que sempre haverá na arte uma contradição entre forma de conteúdo, em que sentimentos opostos emergem-se, provocando “curto-circuito”, “destruição” e nisso consiste o verdadeiro efeito da obra de arte, que caracteriza a catarse (Vygotski, 1999 pp. 269). Ou seja, a catarse consiste na transformação dos sentimentos diante da reação estética à obra de arte, em que é experimentada a descarga de sentimentos e contradição emocional. Assim, a função da arte vai muito além de atingir pessoas e/ou despertar emoções, ela provoca alterações no psiquismo de tal forma que possibilita a organização psíquica.

Candido (1998), crítico literário brasileiro, considera a fruição da arte e da literatura como bens incompreensíveis, pois estão associadas a necessidade profundas do ser humano, de tal forma que a literatura se apresenta como “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (p.174). O autor menciona que não há sequer alguém que consiga viver sem a literatura, uma vez que sempre estamos em contato com algum modo de fabulação, seja nos sonhos ou em sua expressão do cotidiano - causos, lendas, chistes, histórias em quadrinhos - e até mesmo em sua forma mais complexa de produção.

Tendo em vista, a importância do papel da arte como produto cultural, a qual imprime em sua essência aspectos de uma realidade cotidiana, que desperta no sujeito a possibilidade de reorganização do psiquismo e de experienciar emoções profundas e contraditórias, o presente trabalho apresenta uma abordagem qualitativa, desenvolvida a partir da análise da obra literária *A máquina de fazer espanhóis*, do escritor Valter Hugo Mãe (2016). A escolha desse livro como material de pesquisa ocorreu diante do impacto emocional da narrativa e da escrita do autor, Valter Hugo Mãe, na pesquisadora enquanto leitora, mas também enquanto estudante de Psicologia, a qual se sensibilizou com a profundidade que o processo de luto conjugal na velhice é retratado a partir da história do personagem principal. Diante da delimitação inicial da temática do trabalho, relacionada à compreensão da literatura como material de pesquisa sobre a cultura e da escolha da pesquisadora pela obra, *A máquina de fazer espanhóis*, realizou-se a revisão bibliográfica para certificar que não houvesse trabalhos com a mesma proposta de análise.

Em revisão bibliográfica realizada nas bases de dados Scielo, CAPES, PePSIC e Google Acadêmico, a partir das palavras-chaves: *A máquina de fazer espanhóis*, Psicologia, morte, luto e velhice, foram identificados, nos últimos 10 anos, artigos predominantemente do curso de Letras. Os textos encontrados tiveram como objetivo discutir o conceito do trágico (Silva & Pessoa, 2021), o estilo literário neobarroco (Costa, 2023), a análise do salazarismo (Fantin, 2016), aspectos da visualidade (Padilha, 2019), o estudo benjaminianos sobre alegoria (Cunha, 2020), a análise do absurdo no narrador-personagem (de Almeida & Eler, 2020), e as relações dialógicas entre memória, identidade e alteridade (Lourenção, 2023). Em relação a Psicologia, até o momento, foi encontrado apenas um trabalho: (“Educação para a velhice e a morte em *A máquina de fazer espanhóis*, de Valter Hugo Mãe” Monteiro Basso et al., 2025), contudo, com objetivo diferente do proposto neste TCC, pois visava “descrever uma atividade educativa

realizada com graduandos do curso de Psicologia, a qual consistiu na leitura e análise da obra literária de Valter Hugo Mãe, *A máquina de fazer espanhóis*” (Mãe, 2016, p.146).

Tendo esses aspectos em vista, o trabalho em questão apresenta como diferencial a análise da obra *A máquina de fazer espanhóis* (Mãe, 2016) vinculada aos aspectos de morte e luto na velhice em relação à perda do parceiro conjugal. Sendo assim, a ausência de produções que abordam essa perspectiva reitera a relevância desse estudo como contribuição acadêmica para a ampliação das reflexões e discussões estabelecidas no campo da Psicologia.

A análise foi realizada a partir da articulação da obra literária com as Tarefas do Luto de Worden (1988), em que serão discutidas passagens da obra que evidenciam a morte e o luto vivenciados pelo personagem principal, nos quais são possíveis verificar os processos árduos em que o senhor António, personagem principal da obra, precisou passar para enfrentar a dor da perda e encontrar o bem-estar mesmo na presença da morte.

3. Resultados e Discussão

O romance retrata a história de António Jorge Silva, pai de dois filhos e marido de Laura que, aos 84 anos de idade, perde a esposa depois de quase 50 anos de casados. Após a morte da esposa, o senhor António é alocado em uma Instituição de Longa Permanência para Idosos¹ denominada *Lar da Feliz Idade* e, nesse cenário, o livro aborda as vivências do personagem diante do surgimento de uma nova realidade, a partir do luto conjugal na velhice.

A obra já revela no primeiro capítulo a morte de Laura, a qual foi levada às pressas ao hospital e, ao mesmo tempo, a profundidade do vínculo do casal durante esses longos anos de

¹ No Brasil, esse tipo de residência para pessoas idosas é denominada como Instituição de Longa Permanência para Idosos (ILPI) e no contexto da obra literária, ambientada em Portugal, o Lar da Feliz Idade corresponde a uma instituição semelhante a ILPI.

casamento, “tão habituados a depender um do outro para o gasto dos dias, a alegria dos dias, e a gestão ainda de uma certa nostalgia dos filhos” (p.31).

A partir da perspectiva apresentada pelo personagem António, a relação dele com Laura se construiu com afeto e admiração, embora, como todo casal, também tivessem conflitos e discordâncias.

eu ia tomar chá sozinho, adorando as nossas brigas de namorados. tão imaturos quanto os mais jovens. tão feitos um para o outro quanto possível. já conhecedores do caminho das pedras que, ao fim de uma ou duas horas, nos levaria novamente ao coração um do outro com mimos e promessas de amor² (Mãe, 2016, p.32).

Diante de uma vida conjugal que foi se consolidando com presença constante um do outro no cotidiano, lidar com a ausência da esposa, até então, parecia uma realidade inimaginável para António, uma vez que a solidão não era um sentimento comum diante dos anos de relacionamento.

mas não posso voltar para casa sem ela. não posso deixar aqui sozinha. não estaria sozinha. estaria sozinha de mim, que é a solidão que me interessa e a de que tenho medo. e isso nunca aconteceu. não, em quase cinquenta anos de casados, nunca aconteceu (Mãe, 2016, p.29).

A morte de Laura é retratada não com uma descrição rasa, mas como uma experiência sensorial profunda. Nota-se a relação entre forma e conteúdo, em que a morte é o conteúdo que configura a cena, isto é, o acontecimento central que serviu como base da narração. Já a maneira com que esse evento é apresentado ao leitor, a partir da disposição das partes e a escolha de palavras, caracterizam aspectos da forma (Vygotski, 1999). A descrição da cena em que o personagem António recebe a notícia de que sua esposa morreu, captura o pavor, a solidão e o

² Os trechos citados da obra foram reproduzidos na íntegra, inclusive a utilização de letras minúsculas no início do parágrafo. Entretanto, essa forma não foi analisada aqui por não se relacionar aos objetivos desse estudo.

impacto do comunicado naquele exato momento, como um acontecimento que o desloca da realidade.

só depois gritei, imediatamente sem fôlego [...] entrei em convulsões no chão e as mãos do homem e da mulher que ali me assistiam eram exactamente iguais às bocas dentadas de um bicho que me vinha devorar e que entrava por todos os lados do meu ser. Fui atacado pelo horror como se o horror fosse material e ali tivesse vindo exclusivamente para mim (Mãe, 2016, p.34).

A representação da morte na obra literária como um “bicho que devora” revela a forma particular de como o autor, Valter Hugo Mãe, explora a experiência subjetiva da morte conjugal na velhice. Embora a arte não seja uma cópia exata da realidade, ela está essencialmente conectada à vida e aos aspectos mais íntimos e sociais do ser (Barroco & Superti, 2014). A experiência da perda é traduzida como um sentimento não apenas emocional, mas também corporal. Ou seja, um corpo que se sente violentado em sua existência, a partir da materialização do horror que o ataca.

Em concordância com Barroco & Superti (2014), o conteúdo e o estilo artístico da obra são construídos a partir daquilo que se recolhe da materialidade da vida e, por meio da criatividade, algo novo é produzido. Além disso, a construção do enredo se aproxima da materialidade da vida, na medida em que aborda aspectos da sociedade ocidental, na qual a velhice é ignorada, a morte é vista como tabu e o luto como um processo a ser evitado.

3. 1. “Eu e minha mulher morta que não me diria mais nada, por mais insistente que fosse o meu desespero”.

A primeira tarefa do luto apontada por Worden (1998) é a aceitação da realidade da perda em seus aspectos intelectuais e emocionais, enfrentando a morte e a impossibilidade de estar com a pessoa que morreu.

[...] eu e minha mulher morta que não me diria mais nada, por mais insistente que fosse o meu desespero, a minha necessidade de respirar através de seus olhos. a minha necessidade vital de respirar através do seu sorriso (Mãe, 2016, p. 35).

No trecho da obra literária, é possível compreender o sofrimento que António carrega associado à nomeação de Laura como “minha mulher morta”. A realidade da morte da esposa é marcada pela ausência que se manifesta em um silêncio inevitável e indesejável e de uma dor emocional que abala a sua própria existência.

Ao tornar-se viúvo(a), o sujeito se depara com um contexto extremamente doloroso, em que é preciso lidar com a perda do cônjuge, com os conflitos relacionados ao sentido da vida e da própria identidade e o confronto com a morte (Doll, 2013; Silva & Ferreira-Alves, 2012).

A obra retrata o penoso processo de institucionalização, em que o próprio nome *Lar da Feliz Idade* apresenta-se como uma crítica ao que de fato a instituição representa para os residentes. No livro, percebe-se que a idade daqueles idosos foi acompanhada pelo abandono, falta de autonomia e de tomada de decisão sobre a própria vida, perdas significativas de familiares, amigos e companheiros. A institucionalização simboliza a dureza dessas realidades, bem como marca o destino final da vida desses sujeitos.

A obra descreve o *Lar da Feliz Idade* como um ambiente hostil, sem cor, que remete a presença próxima da morte, “por todo o lar as paredes são brancas e entre o vazio mais intenso do céu e a candura das paredes não há diferença [...] esta brancura é um estágio para a desintegração final” (Mãe, 2016, p.40).

Os quartos são caracterizados como pequenos, uma espécie de aprisionamento “é todo ele uma cela, a janela não abre [...] as grades de ferro antigas seguram as pessoas do lado de dentro do edifício” (Mãe, 2016, p.38). Os dormitórios são separados em duas alas, construindo uma metáfora entre a vida e a morte. O personagem menciona a presença de um rodízio entre

os idosos na ocupação dos quartos, os acamados vão para os quartos do lado esquerdo e os novos moradores vão para os quartos vagos com vista para o jardim, “a vista não é grande, mas existe um jardim, uma pequena praça [...] pássaros e até criancinhas podiam brincar. os quartos da ala esquerda deitam sobre o cemitério (p.38)”.

A dinâmica do espaço gera no personagem António Silva um presságio diante da própria morte, os sinais de que em algum momento seria o próximo a passar pelo último estágio “tive a certeza de que, mais tarde, quando o corpo me traísse por completo, haveria de estar acamado e mudado para um daqueles quartos com vista para o cemitério, que era o caminho” (Mãe, 2016, p.39).

O Sr. Silva se depara com uma realidade em que há uma impossibilidade de estar com a sua esposa Laura, somado a sua mudança para o *Lar da Feliz Idade*. O personagem se vê obrigado a morar em lugar desconhecido, que não se apresentava como um espaço acolhedor e é inserido em uma rotina que nunca antes havia vivenciado.

a lura morreu, pegaram em mim e puseram-me no lar com dois sacos de roupa e um álbum de fotografias. foi o que fizeram. depois, nessa mesma tarde, levaram o álbum porque achavam que ia servir apenas para que eu cultivasse a dor de perder a minha mulher (Mãe, 2016, p. 37).

Todo esse cenário afeta o personagem intensamente e contribui para que a assimilação da morte de Laura fosse um processo desafiador. A forma como a cena é narrada leva o leitor a notar que o Sr. António se deparou com acontecimentos (conteúdo) que se sucederam de maneira abrupta a partir de como o escritor realiza a descrição dos fatos. A relação estabelecida entre a forma e conteúdo contribui para a capacidade do leitor de “ver e sentir” a cena, uma vez que a narrativa sobre os acontecimentos daquela tarde, constroem uma sensação de eventos sequenciais repentinos. Em uma mesma tarde, António vivenciou a morte da esposa, a mudança

de moradia - por decisão de sua filha Elisa - e a presença de um álbum de fotos que logo lhe é retirado. Sendo assim, a forma possibilita com que o conteúdo ganhe maior significado (Candido, 1988). Além disso, o recorte exemplifica a ausência de autonomia dada a António em seu próprio processo de luto pela perda da parceira conjugal na velhice.

A primeira noite do personagem no *Lar Feliz Idade* demonstra a contradição interna que o Sr. Silva vive, percebendo a ausência que antes era marcada pela presença da esposa nos pequenos detalhes de uma vida cotidiana.

na primeira noite ali, muito maior o silêncio do que alguma vez experimentara na minha vida, não adormeci facilmente [...] tão absoluta a diferença de como dormira até quatro meses antes. e eu julgava que seria o momento mais insuportável, aquele sem lara [...] Levantei a mão com toda raiva e atirei ao chão o pequeno candeeiro pousado na mesinha ao meu lado (Mãe, 2016, p.44).

Worden (1998) aponta que quando há uma recusa em acreditar na morte como um acontecimento real, identifica-se um processo de negação dos fatos do significado da perda vivida. Ao longo da narrativa percebe-se a complexidade enfrentada pelo personagem em lidar com a morte e o luto de Laura. Mesmo que esse processo de aceitação tenha se apresentado como sendo desafiador, no decorrer dos capítulos, pouco a pouco, o personagem adota a perspectiva de aceitação da realidade. O leitor se depara com momentos em que António, diante de todo o seu contexto de vida, assume uma postura resistente à morte de Laura, porém, com o desenrolar da narrativa, é visível o processo de aceitação do personagem não apenas em termos intelectuais, mas também emocionais, de modo que acredita que Laura gostaria que ele aproveitasse a vida e continuasse se encantando por ela.

a minha lara não sobrevivera para aquele dia, mas queria que eu o aproveitasse. foi a primeira vez que essa ideia encaixou na minha cabeça, decorridos quase cinco meses

da sua morte. a minha laura queria o meu bem, queria que eu ficasse para ali encantado com aquela descoberta (Mãe, 2016, p.69).

A relação forma e conteúdo empregada pelo escritor Valter Hugo Mãe na obra literária contribui para que o leitor compreenda o luto como uma vivência de tempo subjetivo. Ainda que se tenha alguns marcadores temporais desde a morte de Laura, não há uma construção narrativa que caracterize o processo como se ele ocorresse de modo linear ou simples. Observa-se, portanto, que o luto e a viuvez na velhice é uma realidade sensível, visto que na condição de viuvez o sujeito precisa lidar com aspectos dolorosos da realidade: a separação do parceiro e o confronto com a finitude da vida (Doll, 2003). A experiência de leitura de *A máquina de fazer espanhóis* nos leva a visitar constantemente, ao longo dos capítulos, as tensões emocionais presentes na vivência de António, ora movimentos de resistência, ora de aceitação.

3. 2. “Depois da morte de alguém que nos é essencial, ao menos a memória do amor deveria ser erradicada também”.

Como segunda tarefa do luto tem-se a elaboração da dor da perda. Segundo Worden (1998), a experiência da perda está associada à condição de passar por alguma intensidade de dor perante a interrupção do vínculo com outrém. É importante que o sujeito tenha a oportunidade de reconhecer, vivenciar e elaborar essa dor.

Ao longo da narrativa, o autor descreve com uma grande riqueza de detalhes os sentimentos e as sensações que o personagem António experimenta ao vivenciar o processo de luto. As passagens mostram uma elaboração que não é linear, que enfrenta resistência em alguns momentos em relação a uma dor que é tão intensa, de modo que o personagem deseja evitá-la, abolindo até mesmo os bons sentimentos que advém das lembranças que tem de Laura, uma vez que, pensar no amor que tinha por ela evoca a angústia de não tê-la mais. Percebe-se uma direção contrária à elaboração, em que há uma tentativa de evitar a presença de sentimentos dolorosos (Worden, 1988).

o meu projecto era esquecer tudo, era protestar contra a morte de laura convencendo-me de que, depois da morte de alguém que nos é essencial, ao menos a memória do amor deveria ser erradicada também (Mãe, 2016, p. 104).

Para António, a morte de Laura é comparada a uma situação em que lhe é retirado partes do seu próprio corpo. A forma como o escritor narra a percepção subjetiva do personagem sobre esse acontecimento, descrevendo os membros que são “arrancados”, sobretudo, os órgãos vitais, como pulmão e coração, produz um novo olhar sobre a realidade da perda. Conforme a perspectiva de Vygotsky (1999), no que diz respeito à relação de oposição entre forma e conteúdo (material), “a forma se apropria do material, do que se traz sobre a realidade, negando-o e transformando-o em algo novo” (Barroco & Superti, 2014). O escritor Valter Hugo Mãe utiliza, em sua forma estética, uma expressão do sofrimento do personagem enlutado em que a dimensão corporal é enfatizada, atribuindo um sentido mais amplo a dor, de maneira semelhante a expressão alemã *Schmerz* que Worden (1988) menciona em seu livro ao se referir a dor da perda, pois parte de uma noção de uma dor que é compreendida em seu aspecto físico, emocional e comportamental.

com a morte tudo o que respeita quem morreu devia ser erradicado, para que aos vivos o fardo não se torne desumano. esse é o limite, a desumanidade de se perder quem não se pode perder. foi como se me dissessem, senhor silva, vamos levar-lhe os braços e as pernas, vamos levar-lhe os olhos e perderá a voz, talvez lhe deixemos os pulmões, mas teremos que levar o coração, e lamentamos muito, mas não lhe será permitida qualquer felicidade de agora em diante (Mãe, 2016, p.36).

Em suas vivências, o personagem tem a oportunidade de sentir e reconhecer a sua dor, de modo que também vai sendo acolhido pelas pessoas de seu convívio e respeitado em seu processo de luto. A narrativa apresenta diversos diálogos entre Sr. Silva, ao longo da história, com funcionários da instituição e com residentes do Lar Feliz Idade, interações essas que se

desdobraram em amizades e o ajudaram a entrar em contato com suas próprias emoções diante do luto, contribuindo assim para um processo de elaboração da dor da perda.

quando américo me veio ver, sentei-me sem lhes esconder as lágrimas. devo ser o mais piegas dos velhos do lar, disse eu. não é verdade, senhor silva, há mais quem chore, e até eu choro, como não se há de chorar se as lágrimas nos caem dos olhos mesmo contra a nossa vontade. e eu confessava que só a morte me traria o sossego (Mãe, 2016, p. 90).

3. 3. “Aprender a sobreviver aos dias foi como aceitar morrer devagar, violentamente devagar”.

A terceira tarefa do luto, de acordo com Worden (1988), consiste em se ajustar a um ambiente onde falta a pessoa que faleceu. Esse processo de rearranjo implica em considerar não somente a relação que foi estabelecida ao longo da vida entre o falecido e o enlutado, mas também, os papéis que eram desempenhados pela pessoa falecida e que, diante da perda e do luto, essas dimensões precisam ser reorganizadas.

Assim como relatado na obra literária, em que a história de António e Laura enquanto casal foi sendo consolidada a partir das vivências compartilhadas, o vínculo conjugal é formado pelos aspectos individuais, sociais, familiares e históricos que integram a trajetória desses sujeitos. (Alves-Silva et al., 2017). Desse modo, o casamento configura-se como um espaço em que a conjugalidade é construída, visto que representa a expressão das individualidades e de redefinição da própria identidade (Alves-Silva et al., 2017; Féres-Carneiro & Diniz, 2010).

A obra demonstra que se adaptar a um novo ambiente em que Laura não estava presente, não foi uma realidade simples, uma vez que requereu de António redescobrir os sentidos de como existir em uma configuração de vida que já não é mais fundamentada na existência de um casamento e, conseqüentemente, dos papéis ocupados por cada cônjuge.

caí sobre a cama e julguei que fui caindo por horas, rostos e mais rostos colocando-se diante de mim, e eu ali por baixo, caindo sem saber de nada. quando, por fim, me

levantei, estava a anos-luz do homem que reconheceria, e aprender a sobreviver aos dias foi como aceitar morrer devagar, violentamente devagar (Mãe, 2016, p.36).

A residência no *Lar Feliz Idade* possibilitou com que António desenvolvesse novos vínculos diante da ausência da relação conjugal, como o surgimento de amizades, as quais passam a ocupar um papel de escuta, companheirismo e compartilhamento das vivências. Segundo Oliveira & Lopes (2008), ao considerar a morte e o luto no contexto da velhice, as redes relacionais, como as amizades, apresentam-se como um espaço de acolhimento, segurança emocional e enfrentamento dos desafios que podem surgir a partir da perda, como o isolamento e solidão.

tenho medo de ficar para aqui mais sozinho do que estou. [*Senhor Pereira*] você não está só homem, que aqui somos muitos e sentimos todos exatamente aquilo que você sente, respondeu-me (Mãe, 2016, p.64).

Na obra é possível identificar um processo de abertura por parte do Sr. Silva a esses novos amigos, transformando o modo de pensar do personagem sobre amizade, laços sanguíneos e família. A princípio, António expressa que nunca esteve envolvido em relações profundas para além das relações familiares, a qual ocupava grande parte dos seus sentimentos e de suas ações.

não creio que algum dia eu tenha sido suficientemente amigo de alguém. fui sempre um homem de família, para a família, e o meu raio de acção esgotava-se essencialmente na minha mulher, nos meus filhos, e nos meus pais enquanto foram vivos. mas os que não tinham meu sangue estariam sempre desclassificados no concurso tão rigoroso dos meus sentimentos (Mãe, 2016, p. 182).

O fortalecimento das amizades oportunizaram ao Sr. Silva ressignificar os sentidos em relação às suas concepções sobre amor e família. Para a Psicologia Histórico Cultural, na medida em que o sujeito se relaciona com o mundo externo ele modifica a realidade e, ao mesmo

tempo, é transformado por ela, uma vez que cria formas de atender determinadas necessidades. Nesse processo, o sujeito amplia o conhecimento sobre o mundo que o cerca e sobre si mesmo (Reis & Facci, 2015). Tendo isso em vista, o personagem constrói ao longo de toda a trajetória compartilhada com esses amigos novas possibilidades de se viver a partir da morte de Laura, diante dos papéis que essas novas relações passam a ocupar em sua vida.

como se o esteves [...] eu e o silva da europa, e o senhor pereira e mais o senhor anísio dos olhos de luz, fôssemos uma família [...] unida sem parecenças no sangue [...] era uma irmandade de coração, uma capacidade de ser leal como nenhuma outra. [...] não era nada esperada aquela constatação de que família também vinha de fora do sangue [...] ou que o amor podia ser outra coisa, como uma energia entre pessoas, [...] um respeito e um cuidado pelas pessoas todas (Mãe, 2016. pp. 250-251).

3.4. “Entre o turbilhão das dificuldades acabei por resumir a vida em saldo positivo”.

A quarta tarefa do luto é reposicionar em termos emocionais a pessoa que faleceu e continuar a vida. Esse processo corresponde a realocar a pessoa falecida em sua vida, não pelo viés de esquecimento ou desistência da relação significativa que se construiu, mas sim encontrar um local para o falecido na dimensão da vida emocional de tal forma que seja possível continuar vivendo a vida com qualidade (Worden, 1988).

Por vezes torna-se difícil a realização dessa tarefa, sobretudo, em circunstâncias de apego do enlutado ao falecido, como se a vida parasse no momento em que a perda acontecesse (Worden, 1988). Sob a ótica da narrativa presente em *A máquina de fazer espanhóis*, o personagem António, enfrenta conflitos emocionais intensos sobre a continuidade de uma vida sem a presença da esposa, já que Laura era a representação do sentido da própria existência de António. Esse conflito é expresso na relação que o personagem constitui com a questão do cemitério, em que “não teria nunca coragem para entrar naquele lugar sozinho, porque na minha cabeça tal gesto levantaria cada pedaço da minha pele, queimaria cada pedaço da minha carne”

(p.86). A princípio, o Sr. António não consegue assimilar o cenário de ir ao cemitério diante do horror que é entrar em contato com elementos que concretizam a morte de sua esposa.

Quando António vai ao cemitério e se defronta com o túmulo de Laura, ele experimenta uma sensação estranha de constatar que “o lugar onde Laura está é igual aos outros, não tem nada de especial” (p.115), como se aquele lugar com a foto presente na lápide não fosse capaz de expressar quem Laura havia sido em vida. O personagem ao narrar esses fatos considera que esse modo de sentir e pensar advém do sentimento de saudade que sente da esposa. Esse processo, embora desafiador, vai sendo aos poucos elaborado, na medida em que António é ouvido e acolhido pelos seus amigos em suas dores mais profundas, sobretudo, em relação à saudade que sentia da esposa.

[...] um dia essa saudade vai ser benigna. a lembrança da sua esposa vai trazer-lhe um sorriso aos lábios porque é isso que a saudade faz, constrói uma memória que nós nos orgulhamos de guardar, como um troféu de vida. um dia senhor Silva, a sua esposa vai ser uma memória que já não dói e que lhe traz apenas felicidade. a felicidade de ter partilhado consigo um amor incrível que não pode mais fazê-lo sofrer, apenas levá-lo à glória de o ter vivido, de o ter merecido (Mãe, 2016, p. 91).

Ao longo da obra literária, o leitor entra em contato com o processo de luto do personagem, de modo íntimo e profundo, principalmente pela narrativa se constituir a partir da perspectiva do narrador sobre a sua vivência. Nesse sentido, é possível observar que, ao longo desse processo complexo e nada linear, (Oliveira & Lopes, 2008; Doll, 2013), o Sr. Silva constrói novos sentidos sobre a sua própria vida, na medida em que lida com as questões emocionais que vão surgindo ao longo desse caminho. António aos poucos encontra um novo lugar para Laura em sua vida, de modo a honrar a memória de tudo aquilo que a esposa foi.

havia passado o primeiro ano e a dor era profunda mas talvez começasse a surgir tal saudade de que ele me falara. aquela saudade benigna que já não quer magoar mas

celebrar o passado. entre o turbilhão das dificuldades acabei por resumir a vida em saldo positivo. talvez por isso fosse tão violento ter de aguentar a perda de tanto que se conseguiu (Mãe, 2016, p.116).

Partindo da perspectiva da arte como produto histórico da realidade e que oportuniza a experiência do sujeito em viver, mesmo que indiretamente, emoções, sentimentos e relações sociais (Barroco e Superti, 2014), a obra literária, ao retratar as questões de conjugalidade na perspectiva de morte e luto na velhice, revela o processo do luto como sendo dinâmico, marcado por sentimentos e emoções que coexistem. A forma empregada na construção da obra literária apresenta uma narração que, assim como o luto, não se desenvolve em linha reta e contínua, mas sim em movimentos complexos “ora para trás, ora para frente, unindo e confrontando os pontos mais distantes da narrativa” (Vygotsky, 1999, p.188).

O personagem António, embora sendo constantemente visitado pela dor da perda, não é impedido, por ela, de seguir a vida. O ato de prosseguir com a própria vida, mesmo depois da morte de alguém tão significativo, como a sua esposa, não o livra de não ter mais que lidar com a bagagem do luto em diversos momentos. Porém, não o impossibilita de dar continuidade a sua história, mesmo que tenha de conviver, por vezes, com a ausência de Laura. António narra, em trecho do livro, sua percepção a respeito do tempo e do luto:

preparem-se sofredores do mundo, o tempo não é linear [...] perdemos alguém, e temos de superar o primeiro inverno a sós, e a primeira primavera e depois o primeiro verão, e o primeiro outono. [...] é preciso que superemos os nossos aniversários, [...] as datas da relação, o natal, a mudança dos anos, [...] o primeiro telefonema que não pode ser feito para aquela pessoa. [...] a sopa que preparamos para comermos sem mais ninguém. [...] um livro que se lê em absoluto silêncio. o tempo guarda cápsulas indestrutíveis porque, por mais dias que se sucedam, sempre chegamos a um ponto onde voltamos atrás, a um início qualquer, para fazer pela primeira vez alguma coisa que nos vai dilacerar

impiedosamente porque nessa cápsula se injecta também a nitidez do quanto amávamos quem perdemos, a nitidez do seu rosto, que por vezes se perde mas ressurge sempre nessas alturas, até o timbre da sua voz, chamando o nosso nome ou, mais cruel ainda, dizendo que nos ama com um riso incrível (Mãe, 2016, pp. 118-119).

Ao responder o questionamento “quando o processo do luto termina?”, Worden (1998) menciona sobre a impossibilidade de uma resposta exata, já que é um período longo de tempo experienciado de modos diferentes e que não acontece de maneira linear. Contudo, há alguns indicativos que revelam uma possível elaboração ocorrida, como: a capacidade de pensar na pessoa que faleceu sem um aspecto doloroso de dor - choro intenso, tensão no peito, o reinvestimento de emoções na própria vida e quando as pessoas enlutadas retomam o interesse pela vida.

4. Considerações Finais

O presente trabalho apresentou como objetivo investigar a partir da obra literária *A máquina de fazer espanhóis* (Mãe, 2016) e, à luz da Psicologia Histórico-Cultural, como o contato com a morte diante da perda do parceiro conjugal, na velhice, pode impactar a vida do idoso e os caminhos possíveis para a elaboração da perda. A análise da vivência do personagem António Silva evidencia que a experiência de morte conjugal e luto, no contexto da velhice, apresenta impactos emocionais, ambientais e relacionais. A morte do parceiro amoroso compõe um contexto de fragilidade e desafios, uma vez que representa a interrupção de um vínculo significativo, longo e o estabelecimento de uma nova realidade na qual o cônjuge não está mais presente.

A partir da análise, compreende-se que a realização das tarefas do luto, enquanto forma de lidar com as dimensões da perda, requer tempo e amparo, uma vez que o enlutado passa por processos de enfrentar a realidade morte, conviver e reconhecer a dor sentida em toda sua

intensidade, ajustar ao ambiente onde falta a pessoa que faleceu, além de reposicioná-la em termos emocionais, a fim de que encontre alternativas para o restabelecimento do bem-estar e continuidade da própria vida.

Tendo isso em vista, um fator de muita relevância para a elaboração do luto é a rede de apoio social. É importante que o idoso receba apoio durante o processo de luto e que seja avaliado o tipo de ajuda necessária, como familiares, amigos, religiosos (a depender da crença da pessoa) e profissionais especializados, uma vez que podem contribuir para o enfrentamento dessa realidade (Oliveira & Lopes, 2008). No caso do Sr. Silva, a ampliação de vínculos afetivos foi fundamental nessa elaboração, uma vez que a presença de amizades representou para António uma oportunidade de compartilhar com outras pessoas sobre o seu sofrimento em um espaço seguro e afetivo. Além disso, o contato com esses amigos no cotidiano possibilitou com que o Sr. Silva vivesse novas experiências, as quais foram capazes também de fazer com que o personagem ressignificasse a sua percepção sobre família, na medida em que ele encontrou em suas amizades uma família pela qual não esperava, mas que o surpreendeu ao experimentar, em um vínculo não sanguíneo, a presença de lealdade e amor.

No que diz respeito a reflexões sobre o campo da Psicologia e do papel do psicólogo nas tarefas do luto, embora o Sr. Silva não tenha sido acompanhado por um psicólogo durante a sua estadia no *Lar Feliz Idade*, entende-se que esse profissional poderia contribuir com a elaboração e o enfrentamento dessa realidade, uma vez que possibilita ao enlutado um espaço de escuta e acolhimento qualificados. A partir do processo terapêutico, o sujeito tem a possibilidade de entrar em contato com os seus próprios sentimentos, reconhecer e elaborar a própria dor, além de construir novas formas de se viver, mesmo diante da presença do luto. Destaca-se, portanto, a análise da obra literária enquanto importante recurso formativo ao considerar a atuação dos profissionais de Psicologia na contemporaneidade, a qual traz

notoriedade para aspectos de uma realidade marcada pelas contradições em torno das temáticas do luto e da velhice, diante das questões culturais, socioeconômicas e psicológicas que envolvem esses processos.

De acordo com o documento *Referências Técnicas para a atuação de psicólogas (os) junto às pessoas idosas nas políticas públicas*, publicado pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2025), a questão da morte e do luto instaura-se como uma temática central, sobretudo na velhice. Nesse sentido, compete a(o) psicóloga(o) em seu exercício profissional intervenções que auxiliem na busca de um novo sentido de vida após a perda. Ademais, é indispensável que a atuação das(os) psicólogas(os) no contexto do luto e das perdas na velhice, considerando a sua complexidade e interseccionalidade, seja amparado por políticas públicas que objetivam a qualidade de vida das pessoas idosas, reconhecendo o sofrimento vivenciado.

Diante disso, entende-se que o presente trabalho cumpriu os seus objetivos, contribuindo para reflexões e incentivo, no âmbito acadêmico, de pesquisas e intervenções na área da Psicologia do Envelhecimento, uma vez que aborda, de maneira conjunta, a questão do luto e da relação conjugal na velhice. Apesar de a perda por viuvez em idade avançada ser um dos acontecimentos mais comuns, é um dos menos investigados (Silva & Ferreira-Alves, 2012). Embora a arte não esteja desvinculada da realidade, trata-se de uma análise baseada em uma obra de ficção. Sendo assim, essas limitações demonstram a necessidade de maior investigação acadêmica dessa temática como forma de ampliar os estudos em Psicologia do Envelhecimento a partir de pesquisas de campo com idosos enlutados, aprofundando, portanto, a compreensão sobre morte e luto conjugal na velhice a partir de experiências reais.

Referências

- Almeida, F. I. S. D., Santos, R. D. M., Oliveira, T. S., Silva, A. P. S., & Andrade, E. C. R. (2022). A solidão na terceira idade: impactos psicossociais na saúde mental do idoso. *RUNA–Repositório Universitário da Ânima*.
- Alves-Silva, J. D., Scorsolini-Comin, F., & dos Santos, M. A. (2017). Bodas para uma vida: motivos para manter um casamento de longa duração. *Temas em Psicologia*, 25(2), 487-501.
- Ariès, P. (2003). *História da Morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Ediuouro.
- Barroco, S. M. S. & Superti, T. (2014). Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. *Psicologia & Sociedade*, 26(1), 22-31.
- Candido, A. (1988). O direito à literatura. In A. Candido, *Vários escritos* (pp. 169-191). São Paulo, Duas Cidades.
- Castro Santos, L. A. de, Faria, L., & Patiño, R. A. (2018). O envelhecer e a morte: leituras contemporâneas de psicologia social. *Revista Brasileira De Estudos De População*, 35(2), 1–15. <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0040>
- Cocentino, J. M. B., & Viana, T. de C. (2011). *A velhice e a morte: Reflexões sobre o processo de luto*. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, 14(3), 591–599. <https://doi.org/10.1590/S1809-98232011000300018>
- Conselho Federal de Psicologia. (2025). *Referências técnicas para a atuação de psicólogas (os) junto às pessoas idosas nas políticas públicas*. <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas-os-junto-as-pessoas-idosas-nas-politicas-publicas/>
- Costa, G. (2023). O Neobarroco na obra “a máquina de fazer espanhóis” de Valter Hugo Mãe. *ERAS| European Review of Artistic Studies*, 14(1), 66-77.
- da Cunha, M. B. (2019). A máquina de fazer espanhóis nas engrenagens da alegoria. *Revista Alere*, 19(1), 239-256.

- da Silva, L. N., da Silva Souza, S. C., & da Silva Reis, E. J. (2023). A percepção do idoso frente ao envelhecimento e à morte: uma revisão narrativa da bibliografia. *Scientia Generalis*, 4(2), 291-299. <https://doi.org/10.22289/sg.V4N2A24>
- de Almeida, R. C., & Eler, I. (2020). O homem absurdo em “A máquina de fazer espanhóis”/The Absurd Man in “A máquina de fazer espanhóis”. *Revista do Centro de Estudos Portugueses*, 40(64), 129-144.
- Doll, J. (2013). Luto e viuvez na velhice. Freitas, E. V., Py, L. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan (pp. 1866-1882) (cap.120)
- Falcão, D. V. da S. (2013). Amor romântico, conjugalidade e sexualidade na velhice. Freitas, E. V., Py, L. (Orgs.). *Tratado de geriatria e gerontologia*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan (pp. 3347-3364) (cap. 143)
- Fantin, M. C. M. B. (2016). Como um vírus: a doença do salazarismo em a máquina de fazer espanhóis de Valter Hugo Mãe em diálogo com " Afirma Pereira" de Antonio Tabucchi. *Via Atlântica*, 17(1), 353-370.
- Féres-Carneiro, T., & Diniz Neto, O. (2010). Construção e dissolução da conjugalidade: Padrões relacionais. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 20(46), 269-278. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2010000200014>
- Fratezi, F. R., & Gutierrez, B. A. O. (2011). Cuidador familiar do idoso em cuidados paliativos: o processo de morrer no domicílio. *Ciência & saúde coletiva*, 16, 3241-3248.
- Goulart, S. A., Oliveira, A. C. G. A., Scorsolini-Comin, F., & dos Santos, M. A. (2019). Fatores relacionados aos casamentos de longa duração: panorama a partir de uma revisão integrativa. *Psico*, 50(2), e30370-e30370.
- Lourenção, C. C. (2023). Memória, identidade e alteridade em a máquina de fazer espanhóis, de Valter Hugo Mãe. *Revista Desassossego*, 15(30), 182-196.
- Mãe, V. H. (2016). *A máquina de fazer espanhóis* (2a ed). Biblioteca Azul

- Mendes, M. R. S. S. B., de Gusmão, J. L. de ., Faro, A. C. M. 3., & Leite, R. de C. B. de O. (2005). A situação social do idoso no Brasil: uma breve consideração. *Acta paulista de Enfermagem*, 18 (4), 422-426. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002005000400011>
- Monteiro Basso, A. C., Toledo Teixeira, A., Sandre Kono, B., Moraes Silva, M., Pereira Reis, N., & Stefanoni Combinato, D. (2025). Educação para a velhice e a morte em "A máquina de fazer espanhóis", de Valter Hugo Mãe. *SAPIENS*, 7(2), 146–166. <https://doi.org/10.36704/sapiens.v7i2.10247>
- Oliveira, J. B. A. de ., & Lopes, R. G. da C.. (2008). O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. *Psicologia Em Estudo*, 13(2), 217–221. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000200003>
- Padilha, S. V. (2019). Aspectos da visualidade no romance a máquina de fazer espanhóis. *Scripta Uniandrade*, 17(3).
- Rodrigues, J. C. (2006). *Tabu da morte*. SciELO-Editora FIOCRUZ.
- Reis, C. W. D., & Facci, M. G. D (2015). Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a compreensão da velhice. <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/23237>
- Silva, M. das D. F. da ., & Ferreira-Alves, J.. (2012). O luto em adultos idosos: natureza do desafio individual e das variáveis contextuais em diferentes modelos. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 25(3), 588–595. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000300019>
- Silva, T. V. Z. da ., & Pessoa, T. R. . (2022). O trágico é a velhice: Uma reflexão sobre a finitude humana em a máquina de fazer espanhóis. *fólio - Revista De Letras*, 13(2). <https://doi.org/10.22481/folio.v13i2.9786>
- Vecchia, R. D., Ruiz, T., Bocchi, S. C. M., & Corrente, J. E. (2005). Qualidade de vida na terceira idade: um conceito subjetivo. *Revista brasileira de epidemiologia*, 8, 246-252.

- Vieira, C. K., Silveira, A. da S., Garces, S. B. B. O envelhecimento e a subjetividade: práticas socioculturais na velhice. (2024). *RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade*, 10(1). <https://doi.org/10.23899/relacult.v10i1.2403>
- Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da Arte*. (P. Bezerra Trad.). São Paulo, Martins Fontes.
- Worden, J. W. (1998). Apego, perdas e processo de luto. *Terapia do luto: um manual para o profissional de saúde mental* (pp. 18-33). Porto Alegre, Artes Médicas.